

# TRAVESSIAS SOCIOLÓGICAS, CRUZAMENTOS TROPICAIS: ANÍBAL QUIJANO E O BRASIL<sup>1</sup>

## SOCIOLOGICAL CROSSROADS, TROPICAL CROSSINGS: ANÍBAL QUIJANO AND THE BRAZIL

Deni Alfaro Rubbo\*

*Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada.*

*Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas.*

### Introdução: Quijano no Brasil, o Brasil em Quijano

Nos últimos anos a história dos intelectuais e das ideias na sociologia têm se esforçado em construir uma história global da disciplina com o horizonte de repensar as relações entre centro e periferia do

conhecimento. Os estudos sobre a circulação das ciências sociais e/ou de ciências sociais em contextos intelectuais periféricos podem contribuir para uma abordagem não-eurocêntrica, ao mostrar um trânsito mais dinâmico do que se poderia supor, entre intelectuais, instituições e na circulação de ideias.

Nessa junção, a história da ciências sociais na América Latina é um espaço privilegiado para essa abordagem. É possível constatar a importância da circulação internacional para uma geração

\*Professor do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: deni\_out27@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9150-6565>.

1. O presente artigo é uma versão em português, bastante ampliada e modificada, do ensaio “Rastros tropicais: la presencia de Brasil en Aníbal Quijano en las décadas de 1960 y 1970”, que recebeu, em abril de 2021, menção honrosa do “Concurso Internacional de ensayos Aníbal Quijano Obregón”, organizado pela Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS) e publicado em coletânea por essa instituição com textos selecionados pelo concurso.



de intelectuais latino-americanos, os quais tiveram suas trajetórias marcadas pela mobilidade frequente, seja ela forçada, seja ela voluntária, principalmente a partir da década de 1960 com a emergência de instituições regionais e pelo avanço de fechamento político nos países (BLANCO; BRASIL JUNIOR, 2018).

É o caso do sociólogo peruano Anibal Quijano (1930-2018). Sua circulação acadêmica *fora* do Peru foi um traço precoce e marcante, inclusive para sua produção emergir no mapa regional das ciências sociais.

Recentemente, a pesquisa acadêmica tem dado mais destaque à obra e trajetória desse sociólogo peruano ao abordar, com diferentes propósitos e com distintas abordagens teóricas, sobre seu lugar e importância nas ciências sociais da América Latina. São debatidas circunstâncias de sua biografia intelectual e política (CLÍMACO, 2014; Montoya, 2019; Montoya Huamaní, 2021, Valladares, 2019); diálogos com o romancista e antropólogo José Maria Arguedas (CHÁVEZ, 2018; Menezes, 2018) e com o ensaísta José Carlos Mariátegui (RUBBO, 2018; Montoya Huamaní, 2018; Ortega; Cervantes, 2018); dimensões do marxismo crítico em sua formação (RUBBO, 2019; Martínez, 2018); contribuições teóricas para os problemas do Peru e da América Latina, principalmente suas críticas ao “desenvolvimento” e ao eurocentrismo (QUINTERO, 2010, 2018), nas quais utiliza um amplo repertório conceitual: marginalidade, dependência, participação social, heterogeneidade histórico-estrutural, reciprocidade, colonialidade do poder etc.

Isso posto, pouca atenção tem sido dada à circulação internacional de Quijano e seus possíveis efeitos na produção intelectual do autor. Sua participação em centros e

universidades do exterior são fundamentais para a compreensão de aspectos de sua biografia intelectual, formação política e fortuna crítica.

Ainda que seja parte de um projeto de pesquisa mais amplo, este artigo pretende oferecer uma contribuição sociológica à história das ciências sociais na América Latina, investigando aspectos da trajetória intelectual de Anibal Quijano e de seus cruzamentos com o Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. Nossa hipótese é que o contato acadêmico e político de Quijano com intelectuais exilados no Chile possibilitou a difusão, ainda que restrita, de parte de sua produção entre brasileiros no exterior e também entre intelectuais que estavam no país tropical. Em ambos os casos, um tema específico da produção sociológica do autor peruano ganhou relevo: a marginalidade social e o processo de urbanização, circunscrito na área da “sociologia urbana”. Em contrapartida, tiveram pouca repercussão no Brasil suas produções das experiências políticas peruanas em curso, dos movimentos camponeses e da luta armada ao governo militar de Velasco Alvarado (1968-1975), moldadas por uma linguagem marxista e um acentuado engajamento político, embora fossem conhecidas por um pequeno círculo de intelectuais brasileiros. Ao mobilizar as trocas e fluxos entre Quijano e intelectuais brasileiros a partir da perspectiva da circulação internacional das ideias e dos agentes, esperamos que nosso trabalho apresente novas questões para pensar a relação entre a sociologia brasileira e a latino-americana.

Para a presente pesquisa, consultamos o Arquivo do Instituto Fernando Henrique Cardoso e estabelecemos correspondência

com familiares de Quijano<sup>2</sup>. Buscamos, assim, mobilizar informações significativas para sustentar tais interações, com o levantamento: dos espaços acadêmicos (universidades, congressos, simpósios, centros etc.) que tornaram possível ao sociólogo peruano construir vínculos profissionais, políticos e afetivos com pesquisadores/as brasileiros/as; da viagem ocasional que realizou ao país; dos mecanismos e agentes de difusão de sua produção (tradutores, revistas, coletâneas); das citações de obras brasileiras que fizeram parte de seu repertório intelectual; e dos comentários de intelectuais brasileiros sobre a obra de Quijano.

O conjunto de materiais que apresentamos neste artigo, longe de encerrar os estudos sobre a trajetória e a obra de Quijano, busca estimular novas pesquisas sobre o autor e sua intensa mobilidade. No processo de desembaraçar e ordenar uma multiplicidade de fios soltos e elos perdidos, que lentamente vão trazendo uma or-

ganização da história e da historicidade da trajetória e obra de Quijano, há muito ainda a ser explorado e descoberto. Nosso objetivo é examinar a circulação de intelectuais latino-americanos no Brasil (e vice-versa) e seus efeitos na produção de ideias, trazendo, aqui, um recorte específico: contemplar a presença do Brasil em Quijano e de Quijano no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, em termos bibliográficos e de contatos intelectuais<sup>3</sup>.

Este artigo está dividido em cinco seções. Na primeira, mostraremos um aparato bibliográfico sobre o Brasil em um estudo do sociólogo peruano na década de 1960 sobre a “politização” dos movimentos camponeses na América Latina. Em seguida, a partir de um breve registro das “memórias” de Quijano e de correspondências<sup>4</sup>, passamos a reconstruir sua relação acadêmica, política e afetiva com o Brasil, em especial com intelectuais brasileiros exilados no Chile nas décadas de 1960 e 1970. A terceira seção

2. Estamos em diálogo com Piero Quijano e Rodrigo Quijano, filhos do sociólogo peruano, os quais têm contribuído com depoimentos, informações e eventualmente com o envio de materiais. Trechos desses diálogos e alguns materiais são mencionados no presente artigo com a devida autorização desses familiares.

3. A presença de Quijano no Brasil nas décadas de 1990 e 2000 é bastante expressiva. Nessa época, viajou com certa frequência para o país, o que possibilitou a ampliação de suas redes de contato. Foi palestrante em diversas instituições e seus artigos foram traduzidos em periódicos e coletâneas de livros. Provavelmente sua atuação como professor visitante do Instituto de Estudos Avançados (IEA), da Universidade de São Paulo (USP), entre 1992 e 1993, seja o registro mais expressivo desse intercâmbio. Para mais informações sobre sua chegada no IEA, ver Amayo Zevallos (2018). Nas conclusões deste artigo, voltaremos a ter comentários pontuais sobre a experiência brasileira de Quijano nas décadas recentes.

4. Ao contrário de alguns intelectuais de sua geração, que redigiram autobiografias de médio e grande porte (Fernando Henrique Cardoso, André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini, Florestan Fernandes etc.), Quijano não escreveu um memorial sobre sua trajetória. Além de julgar desnecessário esse perfil de trabalho, como registra o antropólogo Montoya Rojas (2019), com quem manteve laços de amizade, o sociólogo peruano não tinha apreço também pelo registro das correspondências – considerado, por ele, algo “inútil” –, ainda que tenha escrito muitas cartas, especialmente na década de 1960 (Quijano, 2015, p. 31). Contudo, é possível rastrear momentos de cunho mais biográfico em seus textos nas décadas de 1990, 2000 e 2010, ou seja, depois que completara sessenta anos de idade, principalmente de entrevistas que concedeu nesse período e da colaboração de textos de ocasião que redigiu comumente para jornais e revistas da capital peruana. O perfil desses últimos textos caracterizam-se por homenagens, obituários, debates coletivos ou comentários sobre determinados acontecimentos que o país ou o continente atravessava.

analisaremos a relação profissional estabelecida entre Quijano e integrantes brasileiros da Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), especialmente Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort, interações que resultaram em publicações coletivas e possivelmente serviram para difusão e circulação dos textos sobre marginalidade de Quijano no Brasil. A quarta seção examina a circulação de seus textos mais políticos, alguns deles apresentados no Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO), cuja participação de intelectuais brasileiros era conhecida naquele espaço. Entre a Cepal e o Ceso, revelam-se estilos de produções diferenciadas de Quijano, que serão analisadas. Discutiremos, em seguida, sua radicalização política, amplificada pela situação política e social de seu país na década de 1970 e da pouca ressonância no Brasil de sua produção desse período. Por fim, como conclusão, avançaremos em algumas hipóteses explicativas sobre a relação entre Quijano e intelectuais no Brasil, em seus encontros e desencontros.

### 1. Quijano, sociólogo dos movimentos camponeses da América Latina

O interesse de Quijano pela história política do Brasil começa prematuramente e pode ser evidenciado pela publicação de um artigo acadêmico e de alguns levantamentos bibliográficos que realizou. Em 1965, ele publica, em espanhol, seu primeiro artigo em uma revista brasileira. Trata-se de “El movimiento campesino peruano y sus líderes”, editado pela revista *América Latina*, do Centro Latino-Americano de Pesquisas em

Ciências Sociais (CLAPCS), com sede no Rio de Janeiro (QUIJANO, [1965] 1979). A ascensão dos movimentos camponeses foi um tema resolutamente presente nas primeiras publicações de Quijano à luz das experiências sociais que emergiam nas sociedades latino-americanas naquele momento.

No caso do trabalho mencionado, Quijano reconstruiu os processos de mobilizações no mundo rural do Peru, sempre constantes e violentos, com objetivo de compreender as ações de ocupação de terras em Cuzco, ocorridas no início da década de 1960, sob liderança de Hugo Blanco, um jovem militante trotskista politicamente formado na Argentina, que se tornaria um dos mais importantes líderes da esquerda peruana. Ele organizaria diversos sindicatos na região e uma federação camponesa. Para além das lutas camponesas peruanas em curso, Quijano redigiu na mesma época “Los movimientos campesinos contemporáneos de América Latina” (QUIJANO, 1966), editada em coletâneas e revistas acadêmicas (*Rivista di Economia Agraria, Pensamiento Crítico*), além de ser traduzido para o inglês e o italiano<sup>5</sup>.

Nesse ensaio bastante ambicioso, o autor peruano buscava fazer uma análise global da “politização” dos movimentos camponeses na América Latina através de estudos comparativos, dando especial atenção às ocupações de terras. Para entender esse “novo” fenômeno político que eclodia como a principal força social no continente, Quijano examina, através de classificações políticas, formas concretas de mobilização e interesses, padrões gerais de formação política e distintos comportamentos de líderes e

5. Publicado na coletânea *Las elites contemporáneas de América Latina*, editada na Argentina em 1966 pelo sociólogo estadunidense Seymour M. Lipset e pelo uruguaio Aldo Solari, o ensaio foi republicado em inglês no mesmo ano.

dirigentes. Assim como parte da geração de intelectuais de esquerda, da qual fazia parte, Quijano compartilhava de um inegável otimismo sobre possíveis horizontes utópicos e políticos que se abriram nesse processo de radicalização política da luta camponesa. Sobre esse texto em especial, José Bengoa relembra as bases teóricas que o estruturavam:

Lido, e com as palavras de hoje, [o texto de Quijano] perfilava-se uma transformação da consciência da campesinidade até a proletariedade [sic]. A falsa consciência do campesinato ia pouco a pouco sendo abandonada e adotava-se a consciência objetiva dos trabalhadores. Muitos de nós observamos o campo e os camponeses com esse olhar classista. As centrais camponesas se dividiram entre as “classistas” e as não classistas, as quais não eram comandadas pelos operários da cidade e do campo. (BENGOA, 2003, p. 84)<sup>6</sup>

Além do Peru, o ensaio mobiliza bibliografia e examina movimentos camponeses da Bolívia, Venezuela, Colômbia e Brasil em sua análise comparativa. Tendo como referência *Rebeldes primitivos*, no qual o historiador Eric Hobsbawm realiza um trabalho sobre o milenarismo camponês e as formas ditas “primitivas” de revolta e protesto, Quijano afirma que se encontraria no Brasil do século XIX uma das formas “pré-políticas” de mobilização camponesa de caráter messiânico, recomendando “o magistral relato” de Euclides da Cunha, *Os sertões* (QUIJANO, 1966, p. 260).

Na sequência do artigo, Quijano ele examina formas predominantes de mobilização camponesa, destacando o “agrarismo refor-

mista” como uma tipologia política generalizada entre as décadas de 1930 e 1950 pelas circunstâncias sociais e políticas locais, constituído por duas variações. A primeira, baseada na organização sindical, tinha como objetivo mudanças parciais e contínuas de melhoria da situação do camponês, especialmente nas relações de trabalho. A segunda, balizada por uma atuação mais incisiva de transformação social, tinha como elemento central a distribuição da propriedade da terra, que permitiria novas formas de organização na “estrutura social” das comunidades camponesas.

Em um primeiro movimento, Quijano abarca tanto o movimento das Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião, quanto os grupos da esquerda católica pelo desenvolvimento da sindicalização, particularmente em Pernambuco, na tipologia política do “agrarismo reformista”. Posteriormente, ele incorpora as Ligas Camponesas também em outra tipologia, o “agrarismo revolucionário”, ainda que estas estivessem em um nível “inferior e incipiente” quando comparadas ao movimento camponês peruano de La Convención, liderado por Blanco, ou às “repúblicas rojas” da Colômbia. De todo modo, o fenômeno das Ligas Camponesas, na sua apreensão, deixara marcas importantes, principalmente pelo exercício da autonomia relativa diante da liderança de Francisco Julião. Segundo Quijano,

No caso brasileiro, a generalização das Ligas Camponesas, particularmente, é o mais relevante exemplo de que a generalização do movimento teve que ser, sobretudo, a obra dos próprios camponeses. Originada na ação de um homem sem aparato político organi-

6. Todas as citações de excertos em língua estrangeira foram traduzidas por mim, a quem cabe todas as eventuais inconsistências.

zado, e com a hostilidade dos partidos reformistas ou revolucionários tradicionais, o movimento das Ligas Camponesas, no entanto, chegou em um momento a cobrir uma vasta região desse país, e de agrupar centenas de milhões de camponeses sob suas bandeiras. Julião não tinha nenhum meio que lhe permitisse participar diretamente no processo dessa rápida difusão do movimento que originou, nem a possibilidade de controlá-lo totalmente, quando já fora expandido. Na atualidade, Julião está fora do Brasil, não exerce nenhuma influência importante. [...]. Não depende de outro controle do que sua própria liderança. (QUIJANO, 1966, p. 282)

Em diversos momentos do ensaio, Quijano mobiliza um aparato bibliográfico sobre o Brasil, especialmente trabalhos empíricos

sobre o mundo rural: dimensões históricas, institucionais e jurídicas do problema agrário (Robert Price, Charles Wagley) e suas clivagens regionais (Geraldo Semenzato, Mario Alfonso Carneiro); organizações em sindicatos e suas linhas de atuações (Diana Doumolín, Balden Paulson, Marie Willkie); mobilizações das Ligas Camponesas (Lida Barreto) e suas lideranças, como Francisco Julião; além de efeitos políticos e relações das lutas camponesas na cidade. Também há uma discussão de ordem mais teórica através do debate entre classe e *following*, travado pela primeira vez no Brasil entre Benno Galjart e Guerrit Huizer na revista *América Latina*. Com exceção da *opus magnum* de Euclides da Cunha, todas as produções consultadas foram editadas na década de 1960, conforme exposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Bibliografia sobre o Brasil citada por Quijano no artigo/capítulo “Los movimientos campesinos contemporáneos de América Latina” (1966)

Autor	Livro/Artigo	Outras informações	Ano
Euclides da Cunha	<i>Os sertões</i>	17ª ed., Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro	1944
Robert E. Price	<i>Rural Unionization in Brazil</i>	University of Wisconsin, Land Tenure Center, mimeo.	1964
Belden H. Paulson	<i>Local Political Patterns in Northeast Brazil</i>	University of Wisconsin, Land Tenure Center, mimeo.	1964
Belden H. Paulson	<i>Difficulties and Prospects for Community Development in Northeast Brazil</i>	University of Wisconsin, Land Tenure Center, mimeo.	1964
Diana Doumolin	<i>Rural Labor Movement in Brazil</i>	University of Wisconsin, Land Tenure Center, mimeo.	1965
Marie Willkie	<i>A Report on Rural Syndicats in Pernambuco</i>	CLAPCS, Rio de Janeiro, mimeo.	1964
Francisco Julião <sup>7</sup>	<i>Que são as Ligas Camponesas</i>	Civilização Brasileira, Rio de Janeiro (Coleção Cadernos do Povo Brasileiro, n.1)	1962
Francisco Julião	<i>¡Campesinos a mi!</i>	Compañía Argentina de Editores, Buenos Aires	1963
Lida Barreto	<i>Julião, Nordeste, Revolução</i>	Civilização Brasileira, Rio de Janeiro	1963
Benno Galjart	<i>Class and “following” in Rural Brazil</i>	<i>América Latina</i> , Rio de Janeiro, CLAPCS, v. 7, n. 3, pp. 3-24.	1964
Benno Galjart	<i>A Further Note on Followings: Reply to Huizer</i>	<i>América Latina</i> , Rio de Janeiro, CLAPCS, v. 8, n. 3, pp. 145-152.	1965
Gerrit Huizer	<i>Some Notes on Community Development and Rural Social Research</i>	<i>América Latina</i> , Rio de Janeiro, CLAPCS, v. 8, nº 3, pp. 128-144.	1965
Geraldo Semenzato	<i>Itabuna, Bahia</i>	Instituto de Ciências Sociais, Universidade da Bahia, mimeo.	s/d
Mario Afonso Carneiro	<i>Relatório sobre a área de Sape</i>	Centro Latino-americano de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, mimeo.	1963
Charles Wagley (ed.).	<i>The Brazilian Revolution Social Change in Latin America Today</i>	Vintage Books, Toronto - New York	1960
Manuel Diégues Junior	<i>Mudanças sociais no meio rural latino-americano</i>	<i>América Latina</i> , Rio de Janeiro, CLAPCS, v. 6.	1963

Fonte: elaborado pelo Deni Rubbo.

7. Segundo Quijano, apesar o nome de Julião aparecer na capa do livro, o que pressupunha sua autoria, o texto foi escrito por um “argentino anônimo”, com exceção do documento “Carta a los campesinos” (QUIJANO, 1966, p. 281).

Diante do repertório bibliográfico acima, totalizando 16 trabalhos e 13 autores(as), duas questões chamam atenção nas referências sobre o Brasil. A primeira refere-se ao perfil e idioma dos autores: sete são estrangeiros, o que equivale a mais da metade (53%); nove desses trabalhos, ou 56%, estão na língua inglesa, sendo que quatro deles são oriundos da Land Tenure Center (LTC), da University of Wisconsin (EUA)<sup>8</sup>.

A segunda questão relaciona-se à importância da CLAPCS como centro de pesquisa de produção e difusão de investigação social empírica sobre a reforma agrária e a questão rural no continente. Como alguns estudiosos têm apontado, a criação da CLAPCS, em 1957, incentivou a construção de uma articulação regional de redes de contato entre países e promoveu a circulação acadêmica transnacional (OLIVEIRA, 2005). Quijano mobiliza quatro trabalhos publicados na revista *América Latina*, de caráter multilíngue (já que a revista aceitava textos em português, espanhol e inglês); ademais, dois trabalhos mimeografados vinculados ao mesmo centro de pesquisa também serviram de consulta. Essas informações corroboram com nosso pressuposto segundo o qual a experiência chilena de Quijano possibilitou ao autor uma interação maior com que se produzia e difundia no Brasil. Surpreendentemente, esse interessante ensaio de Quijano sobre as forças sociais camponesas no continente, inclusive as Ligas Camponesas, tem sido amplamente ignorado no Brasil.

8. Fundado em 1962, o LTC tornara-se um programa cooperativo de pesquisa e treinamento interdisciplinar em política fundiária e comunidades rurais. Uma equipe de pesquisadores(as), provavelmente liderada por Belden H. Paulson, na ocasião professor assistente de Ciência Política em Wisconsin, selecionou o Brasil como estudo de caso e produziram monografias mimeografadas, a partir de consultas de documentos legislativos e de trabalhos acadêmicos.

9. Na verdade, nesse trecho, Quijano afirma que as eleições de 1994 encerram trinta anos (e não vinte como está no texto), ou seja, 1964, como início de uma história sangrenta no país.

## 2. Rememorações (do Brasil) no Chile

O trecho abaixo é um rascunho de uma carta redigida por Quijano para Fernando Henrique Cardoso – não se sabe se foi enviada –, provavelmente do início de outubro de 1994, quando foram realizadas as eleições para presidência da república e Cardoso saiu vitorioso no primeiro turno.

Querido Fernando Henrique:

Queria escrever-lhe enquanto soube o resultado das eleições. Esperei por um estado de espírito menos agitado e não consegui. Não vou esconder nesta carta que ainda sou habitado por uma invasão emocional que a notícia produziu em mim, apesar de que era esperada. Suponho que, em grande parte, isso vem de ter vivido com tantos de vocês, tantos anos no exílio em que aprendemos juntos, buscando que a realidade entregasse para nós os seus sinais e as formas de uma história diferente. Mas também (ou principalmente?) porque essas eleições, de alguma forma, mais do que outros fatos próximos, encerra o que há vinte [anos] [sic]<sup>9</sup>, no mesmo lugar, abriu-se como a mais intensa e cruel etapa da história recente desta América. Porque ninguém entre nós esquecerá que no período que se iniciou com a revolução cubana, o golpe militar de 1964 foi a primeira grande derrota das massas latino-americanas; que foi então quando a tortura e os “desaparecimentos” começaram a se estabelecer como política sistemática dos Estados desses países, para serem reproduzidas mais feroz e

massivamente no Chile, Argentina, Uruguai e ainda hoje praticadas cada vez amplamente no meu próprio país. Ali, começou o ciclo de derrotas, do qual somente estamos começando a emergir para um horizonte desconcertado. Algumas vezes, como eles nos sacudiram nestes vinte anos! Porém, se fomos contidos e derrotados por toda parte, foi porque nestas mesmas décadas estenderam-se também, em toda parte, os maiores movimentos de massa e aconteceram as maiores batalhas, e se agora as ditaduras estão se retirando jorrando sangue, é somente porque não tinha tido trégua. Quando o governo Tancredo [Neves] iniciasse suas tarefas no Brasil, teriam culminado também vinte anos de resistência ininterrupta contra a repressão. E como esquecer que nestes vinte anos se refez totalmente a história, a memória, a consciência e a cultura de todos os nossos povos; como evitar a lembrança da obra trabalhada, incompleta e às vezes ingênua, mas o tempo todo embaralhada e brilhante da [teoria da] dependência até o realismo mágico. Temos procurado entender o tempo, os muitos tempos que o tempo mítico resgata, afinal de contas, e que conseguiu o Prêmio Nobel de Gabo Garcia Marquez [sic]. *Todo cambió en nuestra América Latina*. Mas tudo ainda continua lá. É sobre isso que quero te falar<sup>10</sup>.

Fica evidente a dimensão sentimental do texto, moldada por um sabor melancólico de rememorações do passado, das mudanças que ocorriam no presente e incertezas de um futuro que se anunciava.

Para nossos propósitos, o testemunho de Quijano revela a importância da história política no Brasil e de seus personagens em sua trajetória política e intelectual. Em primeiro lugar, o autor afirma que o golpe mi-

litar no Brasil, ocorrido em 1964, representou a “primeira grande derrota” que deu início a um conjunto de ditaduras no continente, cuja contrapartida esteve na “resistência ininterrupta contra a repressão”. Em segundo lugar, o autor manifesta seu orgulho em pertencer a uma geração de intelectuais que vivenciou desterros, perseguições e exílios, seja como cientistas sociais, seja como romancistas, e que, buscou, cada qual a seu modo, desvendar e compreender a multiplicidade de tempos históricos na América Latina.

Entre final de 1965 e começo de 1971, Quijano viajou para o Chile pela segunda vez. Moldado pela presença de organismos internacionais surgidos depois da Segunda Guerra Mundial (como ONU e Cepal), a cidade de Santiago tornara-se a capital das ciências sociais na América Latina, sob um fluxo constante de agentes e ideias e de um vigoroso processo de internacionalização no espaço acadêmico (BEIGEL, 2008).

Foi nesse contexto que Quijano estabeleceu contatos com intelectuais brasileiros(as), em sua maioria exilados do país. Francisco Weffort, Ruth Cardoso, Vania Bambirra, Theotonio dos Santos, Fernando Henrique Cardoso, Ruy Mauro Marini, Wilson Cantoni, Maria Conceição Tavares, Gerson Gómez, Luiz Alberto Gomes de Souza, José Maria Rabelo, Paulo Tarso, José Serra, Almino Affonso etc.

A socialização não se fazia apenas nos ambientes acadêmicos e políticos, embora eles fossem prioritários, mas também em espaços informais, como suas próprias residências. Nesse ambiente de intensa troca de ideias e informações sobre múltiplos temas (lançamento de livros, projetos futuros, conjuntura política, cinema, literatura

10. Material compartilhado por Rodrigo Quijano.

etc.), eram construídos laços de amizade e afeto que seriam mantidos ao longo de suas vidas. Se, naquele momento, os brasileiros despertavam para a ideia de “América Latina”, no sentido de uma identidade de pertencimento a uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008) e de semelhanças históricas entre países de heranças colonizadas, Quijano descobria o Brasil como parte da América Latina. Ele era um dos poucos intelectuais do Peru que circulava naqueles espaços, o que criava a possibilidade para que brasileiros conhecessem autores no mundo andino expressivos, como o romancista José María Arguedas e José Carlos Mariátegui (RUBBO, 2021a). A experiência em Santiago e a convivência com exilados brasileiros possibilitou que ele se sentisse próximo desse misterioso país de tamanho continental através dos debates políticos e da cultura musical brasileira. Como testemunhou Rodrigo Quijano,

Vizinhos cariocas, os Sprafico, quando foram embora, nos deixaram uma coleção de música brasileira que incluía bossa nova, samba e música nordestina, que sempre tocou em casa. E havia os encontros dos brasileiros com música, da vitrola ou produzida diretamente; lembro que eles tinham ficado com uma música na cabeça, especialmente a versão “A noite do meu bem” [de] Dolores Duran (1930-1959), e “A flor e o espinho” cantada por Elizeth Cardoso (1920-1990)<sup>11</sup>.

Além disso, o conhecido apreço de Quijano pelo universo literário latino-americano – de José María Arguedas, passando por Julio Cortázar a Gabriel García Márquez, entre

outros –, também incluía o Brasil. Anos depois, redescobriu, por exemplo, a obra de Machado de Assis através de Roberto Schwarz<sup>12</sup>. Também entrou em contato com a obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire, primeiro em francês e depois lendo no original. Quijano ainda recordaria a aquisição em espanhol de *Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1967 pela editora espanhola Seix Barral, com a tradução de Ángel Crespo. Naquele momento, porém, “não me atrevi a ler em português [...]. Não consegui avançar, pois encontrei ele sem graça. Só voltei a pegar o livro muito mais tarde, no Brasil. Tive problemas de novo, embora diferentes, até que um amigo me disse ‘Leia em voz alta’, e isso resolveu o problema: surgiu uma verdadeira linguagem” (QUIJANO, 2008, p. 5).

### 3. Quijano e os brasileiros da Cepal: a ciência como vocação

Nos anos de estada chilena, Quijano assumiu diversas funções de ensino. Foi professor do Centro de Investigaciones Económico-Sociales (CIES), da Universidad de Chile, entre 1967 e 1968, e professor na Escolatina, na capital chilena, em 1969. Porém, é como pesquisador do Programa de Investigaciones sobre Urbanización y Marginalidad (PIUM) na División de Asuntos Sociales da Cepal, entre 1966 e 1971, que ele estabelece vínculos acadêmicos com os sociólogos brasileiros Francisco Weffort e Fernando Henrique Cardoso. Ambos estavam exilados no Chile desde 1964 e estiveram vinculados na Divisão Social do Instituto Latino-americano de Planejamento Econômico e Social (ILPES), na Cepal, a convite

11. Piero Quijano, correspondência com Deni Alfaro Rubbo, 02 de setembro de 2020.

12. *Ibidem*.

do sociólogo espanhol José Medina Echevarría. Weffort exercia o cargo de diretor-adjunto da instituição e ocupava a cátedra de Sociologia do Desenvolvimento; Cardoso atuava como pesquisador e professor. Independentemente da perspectiva política (reformista) das instituições a que os três estavam vinculados, traduzidas pelas teorias da modernização baseadas no estrutural-funcionalismo, em atividades que tinham como horizonte prático o planejamento, existia certa autonomia e dinâmica para a realização de suas respectivas pesquisas (BEIGEL, 2013) – que estariam abertas, portanto, a perspectivas divergentes, como seria o caso de Quijano<sup>13</sup>.

Pelo perfil da instituição, adotava-se também um estilo de “sociologia profissional”, isto é, aquela que forneceria “métodos testados e verificados, corpos de conhecimentos acumulados, questões orientadoras e quadros conceituais”, na conhecida definição de Michael Burawoy (2005, p. 10). Não por coincidência, era possível observar tanto uma linguagem mais técnica dos textos quanto uma “obediência” às normas científicas por parte de integrantes da Cepal<sup>14</sup>.

Nesses anos, portanto, o autor peruano consolida uma agenda de pesquisa sociológica amparada em uma reflexão rigorosa sobre teoria, metodologia e empiria. E uma das contribuições que daria crescente prestígio à Quijano nessa fase foram os artigos que articularam teoria da dependência, marginalidade social e processo de urbanização na América Latina (CÓRTEZ, 2017). Muitos deles, além de circularem mimeografados, fo-

ram publicados em renomadas revistas acadêmicas latino-americanas (*verbi gratia*, a *Revista Mexicana de Sociología*) e coletâneas em língua espanhola, inglesa e francesa. A circulação internacional de textos de Quijano foi beneficiada, portanto, pela construção de redes estabelecidas pelos centros de pesquisa e na recepção de inúmeros debates e seminários dentro e fora do Chile.

Em relação ao contato com brasileiros, é importante o Simpósio sobre a Participação Social na América Latina, realizado no México em outubro de 1969 com organização da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Nessa ocasião, Fernando Henrique Cardoso apresentou o *paper* “Participação e marginalidade: notas para uma discussão teórica” ([1969]1972), cuja primeira parte trazia uma discussão teórico-metodológica do ensaio de Quijano (1966a) “Notas sobre el concepto de marginalidad social”.

Cardoso apresenta o ensaio de Quijano como alinhado a um debate fundamentalmente teórico e metodológico com o objetivo de transformar a noção de marginalidade como problema de conhecimento sociológico. O sociólogo brasileiro demonstra concordância com as críticas elaboradas por Quijano, sejam aquelas relacionadas aos usos da categoria como unidade isolada e individual de análise feitos pela sociologia norte-americana, sejam aquelas voltadas à abordagem estrutural-funcionalista. Um dos méritos de Quijano no debate da marginalidade, segundo Cardoso, era incorporar a noção de estrutura social como uma categoria dinâmica que abarcasse fenôme-

13. Vale dizer, contudo, que não foram poucas às vezes nas quais o pensamento de determinado autor era interpretado como sendo o da própria instituição. O caso de Luiz Pereira, que chegou a usar um artigo de Quijano pressupondo que o texto representasse o ponto de vista da Cepal ilustra essa situação, como o próprio sociólogo brasileiro relata (PEREIRA, 1978).

14. Outra característica dos textos era sua frequente circulação em forma de relatórios mimeografados.

nos de caráter global, isto é, um universo de explicação mais abrangente em um conjunto de subsistemas da sociedade, oriundo de padrões distintos e conflitantes.

Entretanto, na sequência da exposição, Cardoso tece uma série de objeções sobre a escolha do método histórico-estrutural (marxista) de Quijano para compreensão da marginalidade como modo específico de integração numa estrutura global (CARDOSO, [1969]1972). Entre as objeções mais relevantes, o sociólogo brasileiro consideraria a discussão das “formas gerais de integração social” e os “níveis” da integração realizada por Quijano, irrelevantes para o método histórico-estrutural. A “diferenciação entre marginalidade global e parcial, vista do ângulo dos indivíduos que vivem em graus distintos de marginalidade não é pertinente à concepção de marginalidade como processo estrutural” (CARDOSO, [1969]1972, p. 172).

Ainda para Cardoso, o equívoco precípua do trabalho de Quijano seria de ordem metodológica. Isso levaria supostamente a um “nível abstrato de generalidade” de “digressões” que não ajudariam, segundo Cardoso, o autor peruano a “chegar a conclusões mais concretas sobre o significado da marginalidade” (p. 173). A produção de situações de “marginalidade” através do “caráter concreto das contradições que estruturam as sociedades” deveria “questionar a própria ideia de ‘marginalidade’, e não fazer sua casuística, como Quijano fez em boa parte do trabalho”, concluiria Cardoso (p.176).

As discordâncias de Cardoso sobre pontos capitais do ensaio de Quijano não dei-

xavam, porém, de explicitar um reconhecimento na figura do sociólogo peruano como um dos principais autores latino-americanos sobre o tema. Não custa lembrar o prestígio acadêmico que exercia Cardoso nessa época, principalmente após o texto escrito em parceria com o cientista social chileno Enzo Faletto, *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, que, embora tenha sido publicado em 1969, já circulava mimeografado desde 1966<sup>15</sup>. Como afirma Afrânio Garcia Júnior (2004), o período de exílio permitiu a consagração internacional de seus trabalhos, ao estender seu campo de conhecimento a toda a América Latina e receber convites para proferir palestras de conceituadas instituições internacionais, como o Instituto de Estudos Avançados de Princeton ou o Collège de France. Se, àquela altura, o ensaio de Quijano era ainda desconhecido por um certo público de brasileiros exilados, o *paper* de Cardoso aumentava-lhe a legitimidade simbólica, tornando o texto mais conhecido no Brasil, e estimulava o público a conhecer também outras produções do autor peruano.

Outros empreendimentos em conjunto foram realizados com a participação direta ou indireta de Cardoso. Dois anos antes, em 1967, Cardoso e Weffort haviam organizado *América Latina: ensayos de interpretación sociológica-política*, incluindo o ensaio “Urbanización, cambio social y dependencia” de Quijano. Vale destacar que nessa antologia de escritos sociólogos latino-americanos, “diferentes teoricamente”, como afirmavam os organizadores, constavam também dois textos de Florestan Fernandes

15. Convém sublinhar que a produção de Cardoso e Dos Santos, especialmente que desenvolveram no Chile, foram mais ou menos recorrentes nos trabalhos de Quijano. Na maior parte dos casos, porém, a referência aos dois intelectuais é sempre acompanhada por outros trabalhos de pesquisadores latino-americanos que marcaram as ciências sociais na década de 1960.

“Esquema y ritmo del desarrollo en América Latina” e “El negro y la revolución burguesa”), a quem Quijano tinha grande admiração, chegando a lhe prestar uma homenagem por ocasião de seu falecimento em 1995 (QUIJANO, 1996)<sup>16</sup>.

Além disso, Weffort e Quijano, em 1973, publicaram dois ensaios extensos no volume *Populismo, marginalización y dependencia*, com a intenção de difundir seus trabalhos ao público da América Central. O ensaio de Weffort se intitulava “Clases populares y desarrollo social (Contribución al estudio del populismo)” e o de Quijano, “Re-definición de la dependencia y proceso de marginalización en América Latina”. Para além das atividades conjuntas, pode-se afirmar que Quijano estava familiarizado com as produções intelectuais tanto de Weffort quanto de Cardoso sobre o Brasil.

Nessa época, Cardoso e Weffort já haviam retornado ao Brasil e o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), criado em 1969, estava em pleno funcionamento. Em 1970, Quijano expressa a ideia de visitar o país. Conforme relata em correspondência a Cardoso<sup>17</sup>, devido aos deslocamentos profissionais que realizava naquela circunstância, poderia fazer apenas uma rápida passagem. Confessaria, assim, sua frustração por ficar pouco tempo: “Naturalmente, gostaria de ter tido a oportunidade de ficar muito mais tempo, de poder

sentir o cheiro e olhar esse país ‘exótico’, mas uma vez que estiver lá por uma única vez, acho que será mais fácil voltar outras vezes”<sup>18</sup>.

Desse modo, a primeira visita de Quijano ao Brasil provavelmente ocorreu entre final de outubro e início de novembro de 1970, por duas semanas, tendo Weffort como anfitrião<sup>19</sup>. Na ocasião, ele conheceu São Paulo e Rio de Janeiro e ficou fascinado pelo cosmopolitismo intelectual e militante que as cidades ofereciam; surpreendendo-se, ademais, com alto nível de vida dos intelectuais, que moravam outrora em uma Santiago modesta, contra os amplos apartamentos do “milagre econômico” do governo civil-militar do Brasil<sup>20</sup>.

Embora não se tenha registro de nenhuma participação em eventos acadêmicos durante essa primeira viagem, é possível que Quijano tenha conhecido, nessa ocasião, Marialice M. Foracchi (1929-1972), Luiz Pereira (1933-1985) e Lucio Kowarick (1938-2020) – os dois primeiros professores no departamento de Sociologia e o último no de Ciência Política da USP. Esses profissionais mantinham relações acadêmicas com Cardoso e Weffort e eram, de certa forma, representantes de uma nova composição de docentes que emergiam durante a ditadura civil-militar depois da aposentadoria compulsória de Florestan Fernandes e outros intelectuais.

16. Outro trabalho de um cientista social brasileiro que integrava a coletânea era o de Glauco Ary Dillon Soares “La nueva industrialización y el sistema partidário brasileño”, mencionado por Quijano em “Tendencias en el desarrollo y la estructura de clases del Perú”, de 1970.

17. De Aníbal Quijano a Fernando Henrique Cardoso, Santiago, 13 de abril de 1970. Código: 01/0008023-002. Acervo da Fundação Fernando Henrique Cardoso, São Paulo. (FUNDAÇÃO..., n.d.)

18. De Aníbal Quijano a Fernando Henrique Cardoso, Santiago, 31 de agosto de 1970. Código: 01/0008023-002. Acervo da Fundação Fernando Henrique Cardoso, São Paulo. (FUNDAÇÃO..., n.d.)

19. Embora ela tenha ocorrido, não é possível precisar a data de viagem, pois nem na carta, nem na correspondência com Piero Quijano, os dias foram confirmados.

20. Piero Quijano, correspondência com Deni Alfaro Rubbo, 02 de setembro de 2020.

Os três dialogaram com a produção de Quijano sobre a urbanização na América Latina e marginalidade social. Foracchi concluiu, no ano de sua morte, uma pesquisa sobre “A noção de ‘participação-exclusão’ no estudo das populações marginais” ([1972] 1974); Kowarick realizava seu doutorado sobre “marginalidade na América Latina”, que tinha como um dos objetivos o mapeamento da discussão teórica sobre o tema; Luiz Pereira também havia terminado um pequeno trabalho sobre as populações marginais na cidade de Rio Claro (SP).

Especialmente no caso de Kowarick, as referências aos textos de Quijano foram abundantes e frequentes (Kowarick, 1975),

enquanto Luiz Pereira publicou, em 1978, a coletânea, segundo ele, com cinco anos de atraso, *Populações “marginais”*, na qual traduziu os dois primeiros artigos de Quijano no Brasil, como pode ser observado no Quadro 2. Ainda no mesmo ano, outra compilação de textos sobre a questão urbana, agora organizada pelo economista carioca Fernando Lopes de Almeida, incluiria textos de Luiz Pereira e de Quijano, traduzidos por Maria da Luz Alves e Silva. Seriam, portanto, somente três os artigos de Quijano traduzidos para o português até aquele momento. Apenas na década de 1990 os textos do sociólogo peruano voltariam a marcar presença em revistas e coletâneas brasileiras.

Quadro 2 – Publicações de Quijano em coletâneas organizadas por brasileiros(as) nas décadas de 1960 e 1970

Título do trabalho	Título do livro	Organizadores(as)	País (Estado)/Editora/ Ano
Urbanización, cambio social y dependencia	<i>América Latina: ensayos de interpretación sociológica-política</i>	Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort	Chile, Editorial Universitaria, 1967
Las experiencias de la última etapa de las luchas revolucionarias en el Perú <sup>21</sup>	<i>Diez años de insurrección en América Latina</i>	Vania Bambirra	Chile, Ediciones Prensa Latinoamericana S. A., 1971
Redefinición de la dependencia y proceso de marginalización	<i>Populismo, marginalización y dependencia: ensayos de interpretación sociológica</i>	Francisco Weffort Aníbal Quijano	San José de Costa Rica, Editorial Universitaria Centro America, 1973
Notas sobre o conceito de marginalidade social	<i>Populações “marginais”</i>	Luiz Pereira	São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1978
Estrutura urbana e marginalidade social	<i>Populações “marginais”</i>	Luiz Pereira	São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1978
Dependência, mudança social e urbanização na América Latina	<i>A questão urbana na América Latina</i>	Fernando Lopes de Almeida	Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1978

Fonte: elaborado pelo autor.

21. Embora fosse de autoria de Quijano o texto “Las experiencias de la última etapa de las luchas revolucionarias en el Perú”, ele foi assinado com o pseudônimo de Silvestre Condoruna.

#### 4. Quijano e os brasileiros do CESO: a política como vocação

Outra instituição frequentada por Quijano, ainda que sem vinculação formal, era o Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO), localizado na Universidade do Chile e do qual participavam os brasileiros Theotônio dos Santos (diretor de pesquisa desde 1967), Vania Bambirra, Ruy Mauro Marini, Emir Sader, Eder Sader, Marco Aurélio Garcia, Jorge Mattoso e Teodoro Lamounier. Tal como as instituições e centros mencionados anteriormente, o Ceso também criou cursos e seminários, além de exercer sua autonomia para realização das pesquisas que, posteriormente, foram batizadas como “teoria marxista da dependência”. Diferentemente das outras, entretanto, o Ceso caracterizava-se pelo elevado “capital militante” de seus membros, que, parte deles, tinham formação universitária e militância política em organizações da esquerda brasileira. Ademais, o marxismo era considerado a referência teórica e metodológica principal (senão a única) para compreensão da ciência e para transformação social da realidade. A ascensão do governo da Unidade Popular (1970-1973), reforçou esse comprometimento político e fez com que os membros do Ceso tecessem um diálogo permanente com militantes da esquerda chilena e organizassem discussões sobre a esquerda latino-americana (CÁRDENAS, 2015).

*Diez años de insurrección en America Latina*, publicado em 1971, organizado por

Vânia Bambirra, é uma coletânea de textos que examina as experiências insurrecionais na década de 1960. Além de ensaios de Antonio Zapata (Colômbia), Ruy Mauro Marini (Brasil) e Carlos Núñez (Uruguai), as lutas revolucionárias no Peru eram analisadas por Silvestre Condoruna – um dos pseudônimos de Aníbal Quijano. Era o único texto que não havia sido preparado exclusivamente para coletânea, pois havia sido publicado originalmente na revista *Estrategia* do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) chileno, em 1966: contribuição que foi finalizada entre “El movimiento campesino peruano y sus líderes” e “Los movimientos campesinos contemporáneos de América Latina”<sup>22</sup>.

Ainda que as lutas camponesas fossem o assunto principal, “Las experiencias de la última etapa de las luchas revolucionarias en el Perú” tecia uma análise detalhada sobre alcances e limitações das forças políticas de esquerda no país e do processo de reagrupação e reorientação de partidos, sindicatos e movimentos ocorridos a partir das guerrilhas na década de 1960, sob influência do “castrismo”. Por mais que a análise do movimento, apresentada nesse texto, almejassem, acima de tudo, “racionalizar” tais dinâmicas do “período revolucionário” em curso, e se observassem posicionamentos taxativos do autor em relação a opções políticas de determinados grupos políticos (ações precipitadas, ausência das massas nas organizações, voluntarismo excessivo, dogmatização da teoria marxista), existia também um

22. Essa afirmação está baseada na descrição da localidade, mês e ano e no início ou final dos artigos mencionados (QUIJANO, 1971, p. 13; QUIJANO, 1979, p. 118 e 150): “Los movimientos campesinos contemporáneos de América Latina” (Lima, julho de 1965), “Las experiencias de la última etapa de las luchas revolucionarias en el Peru” (Santiago, novembro de 1965) e “El movimiento campesino peruano y sus líderes” (Santiago, dezembro de 1965). Para uma análise global do lugar das primeiras produções do jovem Quijano recomendo o excelente trabalho de Montoya (2021).

sentimento de solidariedade de Quijano com militantes que participavam do processo. Ele dedicou seu texto para o guerrilheiro Guillermo Lobatón (1926-1966), um dos dirigentes do MIR e comandante da guerrilha Túpac Amaru na serra de Junín, morto pouco após retornar do trabalho.

Diferentemente de suas produções mais acadêmicas vinculadas à Cepal, o engajamento no texto se fazia mais presente, tanto por suas expectativas políticas quanto pela acentuada linguagem marxista: a racionalização sistemática da totalidade da experiência revolucionária da última década latino-americana é a condição *sine qua non* para a progressiva colaboração de uma teoria da revolução latino-americana, “sem a qual já não parece possível, de nenhuma maneira, usufruir das metas revolucionárias” (QUIJANO, 1971 [1966], p. 16).

Voltando ao texto anterior, o fato de ter assinado sob um pseudônimo – o que ocorreria em outros ensaios<sup>23</sup> – deve-se provavelmente a uma cautela de eventuais retaliações da instituição que o abrigava profissionalmente no Chile, a Cepal. Ao recordar em seu memorial sobre a organização de *Diez años de insurrección en América Latina*, Vania Bambirra, intelectual brasileira do Cesó, afirmaria que

[...] alguns dos intelectuais que escreveram artigos para compor esse livro o fizeram com pseudônimo, ou porque eram funcionários de organismos internacionais ou porque te-

miam represálias das ciências sociais. Todos praticamente já eram nomes eméritos das ciências sociais, e muitos da teoria da dependência em particular, mas não cabe a mim desvendar essa incógnita” (BAMBIRRA, 1991, p. 35).

A sugestão de Bambirra parece acertada, e se reforça em outra situação similar. Em uma sugestiva carta de 13 de abril de 1970 para Fernando Henrique Cardoso, Quijano compartilhava, em certa medida, o desconforto com a Cepal quando escrevia textos de caráter combativo:

[...] Terminei de organizar um caótico rascunho que fiz no ano passado sobre marginalidade e é isso o que vou te enviar assim que for passado para “ditto” ou mimeografado. Aparentemente, terei que fazê-lo fora da CEPAL, pois resultou em uma linguagem que talvez não seja demasiado para os censores daqui. Não que a linguagem seja muito enérgica ou coisa parecida, senão que era um esforço usar categorias marxistas em algumas passagens, para não ter que entrar no emaranhado eufemístico desta burocracia. Por tudo isso, talvez você possa demorar um pouco em receber o texto, mas não demorará mais do que algumas semanas<sup>24</sup>. (FUNDAÇÃO...n.d.)

É verdade que a construção de uma agenda de pesquisa independente, dentro da Cepal, sobre o desenvolvimento urbano e a marginalidade a partir da perspectiva da

23. Usando o pseudônimo Ramón Collar, nome de um camponês da Guerra Civil Espanhola que aparece num dos poemas de Vallejo sobre essa guerra, na qual participou defendendo a República, ele escreveu: “Dos problemas básicos en la revolución latinoamericana” (na revista *Estrategia* do MIR, setembro de 1966) e “El golpe militar en el Perú en el contexto de la realidad peruana y latinoamericana” (publicada a mimeógrafo no Peru nos *Cuadernos de Ciencias Sociales*, pelos alunos do Centro de los Estudiantes da Universidad Agraria e pelo Centro de los estudiantes de História da UNMSM, outubro de 1968).

24. De Anibal Quijano a Fernando Henrique Cardoso, Santiago, 13 de abril de 1970. Código: 01/0008023-002. Acervo da Fundação Fernando Henrique Cardoso, São Paulo. (FUNDAÇÃO..., n.d.)

dependência, em Quijano tinha uma perspectiva marxista em diálogo com a sociologia crítica. Contudo, tratava-se de um marxismo mais acadêmico, matizado e orientado científica e conceitualmente no deciframento dos impasses da industrialização, da “modernização” e da urbanização que ocorreriam nas cidades latino-americanas. Ele utilizava o marxismo no plano estritamente metodológico ao trabalhar com os processos de mudanças que afetavam a “estrutura total da sociedade”, evidenciava as dinâmicas de “interdependência entre si” e as de autonomia relativa das diversas instâncias “institucionais” que se tensionavam o tecido social da urbanização, a partir de um sistema de relações de dependência histórica. Isso se tornava, digamos, academicamente aceitável do ponto de vista da instituição que o acolhera.

Por outro lado, seus trabalhos apresentados no Cesó, além de focar nos conflitos e relações de poder como elementos decisivos na estrutura social da sociedade peruana (QUIJANO, 1967) sob um painel mais amplo do problema da dependência na ordem capitalista internacional, tinha uma linguagem marxista mais explícita. Para além de uma mudança na linguagem, suas análises implicavam comumente projeções políticas, o que poderia acarretar possíveis contrapartidas pela mesma instituição.

Mais do que em qualquer outro espaço institucional, no Cesó era possível aprofundar discussões de conjuntura política e suas metamorfoses e perscrutar horizontes estratégicos, sobretudo diante da ascensão dos governos ditatoriais e dos impasses das esquerdas revolucionárias na América Latina, da qual muitos membros faziam parte. Em um dos seminários da instituição, circularia também, de maneira “rescrita”, em maio de 1970, a primeira análise

de Quijano sobre o golpe militar de Velasco Alvarado de 1968 e suas primeiras medidas concretas. Tratava-se de um processo político extremamente ambíguo, pois embora os “coronéis de esquerda”, que se autodefiniam como “Gobierno Revolucionario de las Fuerzas Armadas”, assumissem algumas pautas da esquerda, havia interesses que mantinham “politicamente desmobilizadas as massas dos grupos dominados” (QUIJANO, 1970). De certa forma, essa análise preliminar de Quijano era o início de uma mudança de sua agenda de pesquisa devido às circunstâncias políticas que ocorreriam naqueles anos no Peru. A análise da política econômica sobre Junta Militar no país andino foi o ponto de partida para o sociólogo peruano consolidar durante a década de 1970 uma reflexão sobre as principais tendências do imperialismo no país, destacando o papel das classes sociais e do Estado.

Com efeito, embora houvesse motivação política nos trabalhos sociológicos de Quijano, tal como havia orientação científica no marxismo engajado, a tensão, como vimos, se fazia de modo concreto em sua vida intelectual. As duas almas eram, na realidade, uma só: o compromisso com as ciências sociais e com a militância política enquanto trabalhos inseparáveis era, de certa forma, compatível, na maioria das vezes, com o perfil do intelectual engajado latino-americano depois da eclosão da Revolução Cubana. Em outras palavras, se poderia traçar um paralelo entre dois estilos presentes do marxismo brasileiro e a fricção em torno de Quijano: o marxismo presente nos textos de Quijano para a Cepal era mais próximo daquele estudado no Seminário d’*O Capital* da USP (RUBBO, 2018a), enquanto seu marxismo em seus textos “fora” da Cepal (ao menos enquanto fora vinculado à instituição) asseme-

lhava-se mais com o perfil do Seminário d’*O Capital* da Universidade de Brasília (UnB) (Rosso; Seabra, 2016). Não por acaso, a formação científica de Quijano era vista, por Bambirra, ao examinar a história da “teoria da dependência” anos depois, como uma espécie de marxista *impuro*:

Uns formaram-se no estrutural-funcionalismo (o caso mais evidente foi o de Gunder Frank), outros no weberianismo (talvez Wefort seja a melhor expressão), outros no marxismo (a equipe de pesquisa sobre a dependência do CESO, Ruy Mauro Marini e autores como Aníbal Quijano e Fernando Henrique Cardoso que, apesar de suas sólidas formações marxistas, e a utilização de suas categorias e sua metodologia, são heterodoxos). (BAMBIRRA, 1978, p. 35, grifos meus)

Em que pese essas considerações, as tensões com a tradição marxista no plano teórico e político, sempre foram, na realidade, constantes na trajetória de Quijano (RUBBO, 2019). Mas, diferentemente da “heterodoxia” de Cardoso, que havia na década de 1950 “flertado” rapidamente com o Partido Comunista Brasileiro – escreveu textos para revista *Fundamentos* –, e, posteriormente, tenha se dedicado inteiramente à sua carreira acadêmica até meados da década de 1970 (Cardoso; Winter, 2013), embora, é claro, a política concreta do momento lhe interessasse, a socialização político-militante de Quijano foi incomparavelmente mais acentuada e longínqua. Desde sua adolescência na década de 1940, o jovem peruano já militava na Juventude Aprista antes mesmo de seu mudar para capital peruana, em 1947, quando matriculou-se na Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

Naquele ano, Quijano tornou-se uma importante liderança estudantil, agitador político, e foi preso durante alguns meses. A experiência no cárcere com outros militantes políticos, igualmente perseguidos, fez com que se decepcionasse com os apristas e notasse um dogmatismo estridente dos comunistas-stalinistas do Partido Comunista Peruano (PCP), do qual sempre manteve distância. Posteriormente, a aproximação com o grupo trotskista peruano também causaria descontentamento por não encontrar afinidades teóricas e políticas que buscava (QUIJANO, 1991). As tensões continuaram com o surgimento de outras agremiações políticas no país, pois Quijano, na busca de um horizonte “socialismo revolucionário”, não deixava de expressar suas diferenças e aproximações nos círculos da esquerda peruana.

Portanto, parece possível afirmar que suas experiências, análises e angústias *políticas* que trazia consigo sobre sua terra natal, eram melhor acolhidas no espaço do Cesó, ainda que debates fossem compartilhados nos diversos espaços acadêmicos, como a Cepal. Entretanto, a importância da prática militante era uma das marcas do Cesó, que os brasileiros ajudaram a construir. Essa rica contribuição de análise política de Quijano encontrou abrigo somente nesse pequeno círculo e não aportou em terras brasileiras. É importante frisar também o quanto a contribuição teórica dos próprios brasileiros do Cesó permaneceu marginalizada em seu próprio país de origem, naquele momento. Elas tiveram uma difusão mais fora do Brasil. Suas contribuições só seriam resgatadas, paulatinamente, nas últimas décadas, por uma nova geração de pesquisadores identificados com tradição da “teoria da dependência marxista”.

## 5. Sociedad y Política, Quijano e sua (não) repercussão no Brasil

Depois de seu retorno ao Peru, em 1971, Quijano tem papel importante na criação, ao lado de grupo de intelectuais, da revista *Sociedad y Política* (1972-1983), tendo sido diretor-chefe. O antropólogo peruano Rodrigo Montoya Rojas, um dos participantes da revista, resume da seguinte forma o papel e a repercussão desse empreendimento:

*Sociedad y Política* foi a revista para pensar e refletir sobre o Peru no dia a dia e, ao mesmo tempo, na lógica de sua longa duração, ao lado de intelectuais comprometidos não somente com o conhecimento do país, mas com o socialismo como uma alternativa política para sua transformação. Em onze anos (1972-1983), seus treze números foram um fator político de primeira ordem por sua vinculação direta com a ação política de seus militantes, principalmente na Cuaves, e em parte dos movimentos camponeses do centro e sul do Peru, particularmente Cusco e Puno. (Montoya, 2019, p. 61)<sup>25</sup>

É na primeira fase da revista, isto é, nos seus quatro primeiros números, que temos contribuição de intelectuais brasileiros (Paul Singer, Francisco Weffort, Ruy Mauro Marini)<sup>26</sup>, especialmente no terceiro número, e o nome de Fernando Henrique Cardoso no comitê internacional da revista.

*Sociedad y Política* tornou-se rapidamente um contraponto de ideias teóricas e polí-

ticas ao governo militar do país, que a classificou como “contrarrevolucionária”, e tinha a revista *Participacion* como uma de suas bases ideológicas. Nesse contexto, Quijano foi um dos principais intelectuais do Peru que fazia uma oposição pública e aberta ao regime instaurado em 1968. Durante as atividades da revista, o autor peruano ampliou sua agenda de pesquisa e passou a investigar a “dominação imperialista” no Peru e suas implicações para as classes sociais, no contexto da experiência militar que o país vivia. Além disso, é o período de nascimento do Movimiento Revolucionario Socialista (MRS), em 1972, gestado a partir da formação da Comunidad Urbana Autogestionaria de Villa El Salvador (CUAVES), um movimento que lutava por moradia na cidade de Lima, tornando-se uma extensão da revista.

Ainda que tivesse contato com a contribuição de um grupo pequeno de intelectuais brasileiros, não houve repercussão da *Sociedad y Política* no Brasil. Entretanto, alguns rastros da produção de Quijano na década de 1970 aparecem, direta ou indiretamente. Sua presença direta se faz em um texto de Florestan Fernandes “A ditadura militar e o papel políticos do intelectual na América Latina” (1976). Aqui, o sociólogo brasileiro examinaria o “novo estilo de golpe de Estado” e de “militarização do estado capitalista” tenho como referência os casos do Brasil, Argentina, Bolívia e Peru. Em sua “nota explicativa” de 1975 para o texto, que fora escrito no fim de 1969 e começo de 1970, quando estava exilado na Universidade de

25. Além dos 13 números publicados entre 1972 e 1983, a revista publicou números especiais como um suplemento (*Sociedad y Política Suplemento*), em 1976, e dois números quinzenais (*Sociedad y Política Quincenal*), em 1978.

26. São eles: “Brasil: los trabajadores callados”, de Francisco Weffort; “La otra cara de la moneda”, de Paul Singer; “Chile: el fascismo hoy”, de Ruy Mauro Marini. *Sociedad y Política* voltaria a ter a contribuição de um brasileiro somente na edição de agosto de 1981, de número 12, com o texto “La revolución nicaraguense y el proceso revolucionario centro americano”, de Marini.

Toronto, Canadá, Florestan respondia a algumas críticas que havia recebido e, nesse contexto, tenta justificar a incorporação do Peru na análise comparativa.

A inclusão do Peru não se devia a qualquer animosidade pessoal ou a alguma ignorância dos aspectos positivos que a militarização do poder estatal tenderia a assumir naquele país. Embora o autor nunca se tenha entusiasmado com a ideologia da “revolução peruana”, ambígua no seu aparente repúdio concomitante do capitalismo e do comunismo, é evidente que, no Peru, o novo modelo de ditadura militar tentou enfrentar e resolver problemas capitais, que vão da reforma agrária à proteção da Nação contra os interesses ultraconservadores internos e contra os interesses imperialistas externos, articulados na prática econômica e política. (FERNANDES, 1976, p. 100)

Nesse trecho, Florestan inclui uma nota de rodapé exemplificando duas versões do regime militar peruano: *A revolução peruana*, de Carlos Delgado, um dos principais intelectuais do regime, e, segundo ele, a “versão apologética”; e *Nationalism and capitalism in Peru*, de Aníbal Quijano, de 1971, a “versão crítica mais contundente”<sup>27</sup>. Para ele, contudo, “ambas as posições precisam ser vistas com reservas”, pois a de “Carlos Delgado impregna a ‘revolução peruana’ de uma originalidade socialista que ainda não se concretizou; e Aníbal Quijano ignora dimensões populistas, reformistas e anti-imperialistas notórias do regime” (FERNANDES, 1976, p. 100).

Por esse motivo, malgrado as possíveis críticas pertinentes do trabalho, Florestan manteve um certo distanciamento das teses de Quijano sobre a experiência militar peruana<sup>28</sup>. Talvez o fato de, aparentemente,

27. Trata-se de uma versão condensada de *Nacionalismo, neoimperialismo y militarismo en el Perú* (1971), livro que fora editado na Argentina, pois as chances de se publicar um livro com múltiplas críticas ao governo eram pequenas. O trabalho apresentando no Ceso integrou a primeira parte do livro. Na Introdução, Quijano explicava a opção por uma “metodologia alternativa” que pudesse desvendar “cada medida concreta do regime”, o “interesse social” que estaria a serviço, bem como “os compromissos e a articulação de interesses específicos”, em oposição ao “uso fácil de etiquetas”, como “populismo” ou “nasserismo”. A opção metodológica do autor peruano tinha um componente político, um irretocável incômodo diante de tomadas de posições condescendentes ao governo da esquerda e da direita. Para ele, “é indispensável fazer isso, especialmente no presente momento em que cada um dos porta-vozes do regime, desde os ideólogos de um capitalismo ‘humanista’ até aqueles que são publicamente identificados como líderes dos grupos mais conservadores do atual governo, coincidem em proclamar que as reformas em curso supõem a substituição do capitalismo, enquanto rechaçam explicitamente o socialismo como alternativa” (Quijano, 1971, p. 7-8). Trata-se de uma indicação de como as ações do regime militar *intensificariam* uma tomada de posição cada vez mais distante de Quijano em relação ao governo e sua aproximação pelo “socialismo revolucionário”, enquanto horizonte político alternativo. Por sua vez, também estaria em cena inúmeras disputas do significado político e científico da noção de “socialismo” e de “revolução” dentro da própria junta militar, que integravam intelectuais e tinham apoio de setores políticos da esquerda peruana.

28. Outro registro entre Quijano e Florestan ocorreu na década de 1990, quando o sociólogo brasileiro recebeu convite de Quijano, naquela ocasião, um dos editores da revista Anuário mariáteguiano, para escrever um texto-homenagem sobre Mariátegui para edição especial de centenário do nascimento do ensaísta peruano, em 1994. No texto publicado, “Significado actual de José Carlos Mariátegui” (Fernandes, 1994), ficava evidente no artigo de Florestan a incorporação de elementos presentes (como a questão do eurocentrismo) no prefácio de Quijano para coletânea *Textos básicos: José Carlos Mariátegui*, organizado por ele em 1991. Para mais informações, ver Rubbo (2021, p. 316-320).

não ter acesso aos números da revista *Sociedad y Política*, o sociólogo brasileiro não tenha acompanhado a *evolução* das análises posteriores de Quijano, que caracterizaria o projeto político do regime velasquista como “antioligárquico”, embora não fosse “antiburguês” e, nesse sentido, como um “anti-imperialismo nacional”, embora não possuísse um “anti-imperialismo de classe” (QUIJANO, 1973, p. 44; 51).

De todo modo, havia dois amigos próximos de Florestan Fernandes: Darcy Ribeiro e Miguel Urbano Rodrigues. Ambos tinham uma visão *positiva* sobre o regime militar no Peru, e mantiveram com Florestan correspondência durante a década de 1970. Afinal, nessa época, o antropólogo brasileiro, que estava como assessor do governo de Salvador Allende, foi convidado por Carlos Delgado para participar do governo. Ele permaneceu, entre 1973 até 1976, no país andino, sob tutela da OIT das Nações Unidas, cuja tarefa principal no governo militar consistia em criar um instituto de estudos sobre as formas de participação política na propriedade e nas empresas peruanas (RIBEIRO, 1997, p. 413).

Miguel Urbano Rodrigues, por seu turno, jornalista e militante do Partido Comunista Português, vivia um longo exílio no Brasil, e havia realizado uma breve viagem ao Peru no início da década de 1970. Ele retornou entusiasmado com o regime peruano e também com a descoberta de um novo autor: José Carlos Mariátegui (RUBBO, 2021, p. 284-285). Decidiu, assim, que a melhor forma de difundir no Brasil o que ocorria no Peru, na década de 1970, era a publicação do livro *El proceso revolucionario peruano: testimonio de lucha*, de Carlos Delgado – trabalho de propaganda política de um dos principais intelectuais do governo –, que apontava uma suposta transforma-

ção “radical” na sociedade andina através da gestão das forças armadas.

Publicado pela editora Civilização Brasileira, em 1974, *A revolução peruana* – título foi alterado do original –, foi traduzida e prefaciada por Miguel Urbano Rodrigues. No prefácio, o militante português mostraria toda sua irritação àqueles que eventualmente negassem o “caráter revolucionário” do regime de Velasco Alvarado que “alterou profundamente as estruturas sociais e econômicas do país e destruiu, como força política, a velha oligarquia agrária desde os tempos do Império Espanhol exercia o poder” (RODRIGUES, 1974, p. XI). Ele apontaria negativamente o trabalho dos intelectuais da esquerda peruana que criticavam o regime:

(...) as críticas que alguns teóricos de uma ultraesquerda que se julga marxista formulam contra o governo Velasco, acusando-o de modernizador e neocapitalista, ou simplesmente reformista, têm muito pouco ou nada de dialéticas, refletindo a visão – essa sim – pequeno burguesa dos seus autores. (RODRIGUES, 1974, p. XI)

Ainda que não fizesse nomeações, é possível depreender que a referência era direcionada ao grupo de intelectuais de *Sociedad y Política*, especialmente a figura de Anibal Quijano. Cabe acrescentar que o desconforto de Miguel Rodrigues se ampliava na medida em que o posicionamento editorial da revista não se restringia apenas à “crítica radical do sistema capitalista”, mas também às “experiências do socialismo burocrático”.

Nesse contexto, Quijano, de um lado, Darcy Ribeiro e Miguel Urbano Rodrigues, do outro, tinham perspectivas políticas completamente divergentes. Com efeito, não há

indícios de que o sociólogo peruano, o antropólogo brasileiro e o jornalista português se conhecessem pessoalmente, nem alguma utilização acerca de suas respectivas obras. Sabe-se, apenas, que Darcy Ribeiro tinha em sua biblioteca um exemplar dos *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, de José Carlos Mariátegui, publicada pela Biblioteca Ayacucho, em 1978, cujo prefácio havia sido redigido por Quijano.

*Sociedad y Política* sofreria interrupção do governo militar em setembro de 1973, e Quijano, obrigado a deixar o país, encontraria exílio no México até final de 1975, quando retornaria ao Peru, e dessa vez, sob um novo golpe de estado executado por general Morales Bermúdez. Conforme foi ressaltado, se o engajamento político da revista já se fazia notar desde o seu início, ela retorna na sua “segunda fase”, a partir da edição de setembro de 1975, mais incisiva no debate público nacional sobre ações teóricas e práticas da esquerda peruana. Embora não seja o caso de se estender sobre o assunto, durante toda a trajetória política da revista-movimento, ela entrou em inúmeros conflitos com diversas organizações políticas da esquerda (stalinistas, maoístas, leninistas, apistas, trotskistas etc.) do país na década de 1970.

Alguns desses fatores podem explicar, em alguma medida, porque as ideias políticas de Quijano na década de 1970, época que já tinha uma reputação acadêmica regional, não circularam no Brasil. Nenhuma das organizações da esquerda tradicional teria interesse em propagar as ideias quijanianas no Brasil. O vínculo que estabeleceu

com MRS tinha uma atuação local com pequenas redes a nível nacional, em oposição a agremiações marxistas que tradicionalmente mantinham ativa uma circulação internacional de ideias (jornais, revistas, traduções) e agentes (militantes). De toda forma, mesmo em revistas acadêmicas como *Contexto* e *Debate & Crítica*, organizadas por intelectuais da USP, muitos dos quais conhecidos de Quijano, ou *Encontros com a Civilização Brasileira*, mais politizada, todas elas circularam na década de 1970, não publicaram nenhum de seus textos. Na realidade, eram raros nessas revistas textos sobre a história política e intelectuais dos países andinos.

Para terminar, outro ponto de contato que Quijano estabeleceu com intelectuais brasileiros, nesse período, foi no Seminário sobre “Crises Política e Classes Sociais na América Latina”, organizada pelo Instituto de Investigaciones Sociales de la Universidad Nacional Autónoma do México, na cidade de Oaxaca, em junho de 1973. Os trabalhos discutidos no seminário foram publicados pela editora Siglo XXI em 1977<sup>29</sup>. Quijano apresentou o trabalho intitulado “Imperialismo, clases sociales y estado en el Perú: 1895-1930” (QUIJANO, 1977) e teve, além dos comentários de Orlando Fals Borda, José Luis Reyna e Manuel Villa, o do sociólogo brasileiro Octavio Ianni. Para Octavio Ianni, o trabalho de Quijano seria uma “amostra significativa da aplicação da teoria das lutas de classes na análise de situações específicas” (IANNI, 1977, p. 155). Entretanto, o sociólogo brasileiro teria uma série de comentários críticos ao

29. Participaram do seminário: Edelberto Torres Rivas, Sergio Bagú, François Bourricaud, Agustín Cueva, Enrique Contreras, Víctor Manuel Durand, Enzo Faletto, Orlando Fals Borda, Julio Labastida, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Ernest Mandel, José Luis Reyna e Manuel Villa. Apesar da presença de Cardoso no seminário, a apresentação e resposta que elaborou dos comentários de seu trabalho não fazem menção a Quijano.

texto (IANNI, 1977). Não encontramos registros se ocorreram outros encontros acadêmicos, com exceção de Oaxaca, embora a produção de Quijano fosse relativamente conhecida de Ianni<sup>30</sup>. De todo modo, o contato com Ianni seria apenas um encontro e não uma relação com laços duradouros, como o de Fernando Henrique Cardoso, Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini e Francisco Weffort.

### Considerações finais: presença do (e no) Brasil em Quijano

Este artigo fez um caminho de mão dupla: ao mesmo tempo que buscou reconstruir historicamente a presença do Brasil (e de brasileiros) na trajetória de Aníbal Quijano entre as décadas de 1960 e 1970, também observou a presença do autor peruano no Brasil (e nas obras de intelectuais brasileiros). Diante disso, algumas conclusões provisórias podem ser elencadas.

Constatamos que a relação entre Quijano e o Brasil tem início no exterior, através de laços acadêmicos, políticos e afetivos com intelectuais brasileiros exilados no Chile. Não por acaso, a circulação de seus textos no Brasil ocorre justamente com a construção de redes durante o período no qual era funcionário da Cepal no Chile, estabelecendo vínculos especialmente com Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort. Sua produção acadêmica sobre marginalidade social e processo de urbanização foi recepcionada por uma pequena parcela de pesquisadores brasileiros da

Universidade de São Paulo (principalmente, o sociólogo Luiz Pereira) e, mais restritamente, do Rio de Janeiro.

Entretanto, ressaltamos também ausências significativas de sua produção intelectual no Brasil. Seus trabalhos sobre movimentos camponeses e a luta armada na década de 1960, e sobre imperialismo e classes sociais no Peru na década subsequente, bem como as análises sobre as ações político-econômicas do governo militar de Alvarado, apesar da circulação entre brasileiros do Cesó, tiveram pouca ressonância entre intelectuais de esquerda no país, com exceção de Florestan Fernandes.

Quijano não construiu vínculos políticos com organizações da esquerda brasileira que pudessem difundir seus textos. Nenhum de seus textos mais combativos presentes na *Sociedad y Política*, durante a década de 1970, foi traduzido para o português no Brasil. O fato de estar em constante tensão com grupos maoístas, stalinistas, leninistas e trotskistas no Peru, organizações que historicamente construíram redes internacionais, com uma frequente circulação de militantes e ideias, pode ter sido um dos condicionantes da pouca circulação de seus textos. Além disso, os debates que realizou com intelectuais brasileiros não foram do Brasil: no Chile (Cepal e Cesó) e no México (Seminário). Ainda que se tenha o registro de uma viagem de Quijano ao país em 1970, como já mencionamos, poucas informações foram encontradas sobre suas atividades nessa curta passagem. De toda for-

30. Ianni tinha em sua biblioteca particular alguns trabalhos anteriores do sociólogo peruano, como *Re-definición de la dependencia y proceso de marginalización en América Latina*, de 1970, *Polo marginal de la economía y mano de obra marginada*, de 1971, ambos mimeografados. Também constaria o já citado *Nacionalismo, neoimperialismo y militarismo en el Perú*, de 1971, e *Movimiento obrero y acción política*, de 1975. Eles podem ser consultados na Coleção Octavio Ianni que integra a Biblioteca da Universidade Estadual de São Paulo, campus Araraquara.

ma, principalmente sua presença na Cepal e no Ceso, a primeira enquanto funcionário e a segunda como participante informal, observou-se estilos de trabalhos diferentes produzidos para essas instituições.

Durante as décadas de 1960 e 1970, portanto, Aníbal Quijano esteve pouco integrado nas ciências sociais e na esquerda intelectual no Brasil, apesar de sua ligação com personagens importantes da sociologia do país. Na década de 1990, esse quadro se modifica e, da lenta penetração de Quijano no Brasil nas décadas anteriores, encontramos um novo momento de maior circulação e recepção de seus textos. Seria necessário um novo trabalho de investigação para captar os condicionantes da sua presença mais *intensa* no Brasil nas últimas três décadas.

Ainda que não tenha sido desenvolvido no decorrer do artigo, cabe um comentário final sobre a recente circulação das ideias de Quijano no Brasil. Na última década, as ciências sociais no Brasil aproximaram-se de modo mais intenso nos assim chamados estudos do Sul global, a partir da perspectiva “decolonial”. Como se sabe, o sociólogo peruano é uma das principais figuras que desenvolvem essa perspectiva teórico-política, especialmente pelo amplo debate trazido pela noção de “colonialidade do poder”. Mesmo sendo tão citado atualmente, nas discussões acadêmicas no Brasil sobre “colonialidade”, que genericamente almejam “desconstruir” as formas eurocêntricas de conhecimento, ainda não existe sequer um livro de coletâneas de Quijano, publicado no Brasil, nem mesmo um dossiê foi realizado em alguma revista acadêmica. Alguns de seus textos da última fase, assim como ocorreu com sua produção da marginalidade na década de 1970, continuam dispersos em revistas e coletâneas no país, nem sempre de fácil acesso.

Em decorrência disso, tanto o contexto das transformações políticas, sociais, econômicas e culturais do Peru, que oferece recursos importantes para uma compreensão global da produção intelectual de Quijano, quanto a própria trajetória do autor e sua circulação, têm sido amplamente silenciadas em sua recepção. Encontramos, assim, apropriações enviesadas, frequentemente celebratórias, descontextualizadas, que não contemplam o ritmo do pensamento do autor nas diversas fases. Os usos (e abusos) sobre as ideias de Quijano ficam, muitas vezes, subordinados ou reféns, a receptores que possuem significativo capital simbólico e político e, sem pudor, fraturam aspectos decisivos da formação do pensador peruano.

Diante das atuais vicissitudes políticas e sociais da América Latina, esta pode ser uma oportunidade para que o público brasileiro conheça, de maneira mais substantiva, aspectos de sua trajetória e da pluri-dimensionalidade de sua produção. A autonomia intelectual e a militância política que atravessam o percurso de Quijano são travessias insubmissas que podem inspirar as novas gerações comprometidas com as mudanças social dos “de baixo”.

## Referências

- AMAYO, E. Z. Aníbal Quijano (1930-2018), Instituto de Estudos Avançados e o contexto peruano. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 411-427, 2018.
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAMBIRRA, V. *Teoría de la dependencia: una anticrítica*. México: ERA, 1978.
- BAMBIRRA, V. *Memorial*. Fundação Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- BEIGEL, F. *Academic Autonomy and Social Sci-*

- ences: the Chilean Circuit. *In: Coping with Academic Dependency: how?* Patna, India: Sepsis-Adri. 2008.
- BEIGEL, F. Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 245, p. 110-123, 2013.
- BENGOA, J. 25 años de estudios rurales. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 10, p. 36-98, 2003.
- BLANCO, A.; BRASIL JUNIOR, A. A circulação internacional de Florestan Fernandes. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 69-107, 2018.
- BURAWOY, M. For Public Sociology. *American Sociological Review*, v. 70, p. 4-28, 2005.
- CÁRDENAS, J. C. C. Una historia sepultada: el Centro de Estudios Socioeconómicos de la Universidad de Chile, 1965-1973 (a 50 años de su fundación). *De Raíz Diversa*. Revista Especializada en Estudios Latinoamericanos, México, v. 2, n. 3, p.121-140, 2015.
- CARDOSO, F. H. [1969]. Participação e marginalidade: notas para uma discussão teórica. *In* CARDOSO, F. H. *O modelo político brasileiro e outros ensaios*. 2a. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- CARDOSO, F. H.; WINTER, B. *O improvável presidente do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CLÍMACO, D. A. Prólogo. *In: Aníbal Quijano: Cuestiones y horizontes: de la independencia histórica-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- CLÍMACO, D. A.; GÓMEZ, Y. En el corazón mismo de la colonialidad. Poder, totalidad social y heterogeneidad en las primeras obras sociológicas de Aníbal Quijano (1962-1966). *Discursos Del Sur*, Lima, UNMSM, n. 3, p. 37-53, 2019.
- CÓRTEZ, A. Aníbal Quijano: marginalidad y urbanización dependiente en América Latina. *Polis*, Santiago de Chile, v. 16, n. 46, p. 221-238, 2017.
- FERNANDES, F. A ditadura militar e o papel político do intelectual na América Latina. *In: FERNANDES, F. Circuito fechado: quatro ensaios sobre o "poder institucional"*. São Paulo: Hucitec, 1976, p. 99-141.
- FERNANDES, F. Significado actual de José Carlos Mariátegui. *Anuario mariateguiano*, Lima, Amauta, n. 6, p. 81-87, 1994.
- FORACCHI, M. [1972], A noção de 'Participação-exclusão' no estudo de populações marginais. *Debate & Crítica*, São Paulo, n. 2, p. 161-168, 1974.
- FUNDAÇÃO Fernando Henrique Cardoso. São Paulo. Disponível em: <https://fundacaofhc.org.br/>. Acesso em: 16/08/2020.
- GARCIA JUNIOR, A. A dependência da política: Fernando Henrique Cardoso e a sociologia no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 285-300, 2004.
- IANNI, O. Comentario: Clases subalternas y estado oligárquico. *In: Raúl Benítez Zenteno (Coord.). Clases sociales y crisis política en América Latina*. México: Siglo Veintiuno, p. 151-170, 1977.
- KOWARICK, L. *Capitalismo e marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- LIPEST, S. M.; SOLARI, A. S. El movimiento campesino peruano y sus líderes. *In: LIPEST, S. M.; SOLARI, A. S. Problema agrario y movimientos campesinos*. Lima: Mosca Azul, [1965] 1979, p. 119-150.
- MARTÍNEZ, O. Conceptos de Karl Marx en el pensamiento de Aníbal Quijano. *In: CHAVES, V. H. P. (Org.) Rompiendo la jaula de la dominación: ensayos en torno a la obra de Aníbal Quijano*. Santiago de Chile: Doble Ciencia, 2018, p. 249-275.
- MENEZES, J. G. Todas las sangres y el debate sobre el mestizo peruano. *In: CHÁVEZ, V. H. P. (Org.) Rompiendo la jaula de la dominación: ensayos en torno a la obra de Aníbal Quijano*. Santiago: Doble Ciencia, 2018, p. 35-58.
- MONTOYA HUAMANÍ, S. Anibal Quijano: improntas de Mariátegui en la colonialidad del poder. *In: MONTOYA H. S. Conflictos de interpretación en*

- torno al marxismo de Mariátegui. Lima: Heraldos Editores, 2018, p. 97-129.
- MONTOYA HUAMANÍ, S. Aníbal Quijano: reconstrucción de su vida y obra (1948-1968). Lima: Heraldos Editores, 2021.
- MONTOYA, R. R. Aníbal Quijano: socialización del poder como cuestión central del socialismo. *Revista de Sociología*, UNMSM, Lima, n. 3, p. 55-75, 2019.
- OLIVEIRA, L. L. Diálogos intermitentes: relações entre Brasil e América Latina. *Sociologias*, Porto Alegre, n.14, p. 110-129, 2005.
- ORTEGA; CERVANTES, Y. G. Mariátegui y los molinos de viento: el itinerario de Aníbal Quijano. *In: CHÁVEZ, V. H. P. (Org.) Rompiendo la jaula de la dominación: ensayos en torno a la obra de Aníbal Quijano*. Santiago de Chile: Doble Ciencia, 2018, p. 59-78.
- CHÁVEZ V. H. P. Aníbal Quijano: episodios de lectura de José María Arguedas. *In: CHÁVEZ, V. H. P. (Org.) Rompiendo la jaula de la dominación: ensayos en torno a la obra de Aníbal Quijano*. Santiago de Chile: Doble Ciencia, 2018, p. 15-34.
- PEREIRA, L. Populações “marginais”. *In: PEREIRA, L. (Org.). Populações “marginais”*. São Paulo: Duas Cidades, 1978, p. 143-166.
- QUIJANO, A. La vasta empresa narrativa de *Todas las sangres*. *In: CISNEROS, C. M. P. (ed.). Todas las sangres cincuenta años después*. Lima: Ministerio de Cultura, 2015, p. 27-47.
- QUIJANO, A. Reabrir cuestiones que parecían resueltas. Una conversación con Aníbal Quijano. *Hueso Húmero*, Lima, n. 51, p. 3-17, 2008.
- QUIJANO, A. Florestan Fernandez: una biografía completa. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.10, n. 26, p. 63-69, 1996.
- QUIJANO, A. Trotsky (entre paréntesis). *Sí*. Lima, n. 64, 1991.
- Imperialismo, clases sociales y estado en el Perú: 1895-1930. *In: BENÍTEZ, Z. R. (Coord.). Clases sociales y crisis política en América Latina*. México: Siglo Veintiuno, 1977, p. 113-150.
- QUIJANO, A. Las nuevas perspectivas de la clase obrera. *Sociedad y Política*, Lima, n. 3, p. 36-51, 1973.
- QUIJANO, A. [pseudónimo de Silvestre Condoruna] Las experiencias de la última etapa de las luchas revolucionarias en el Perú. *In: BAMBIRRA, V. (Org.). Diez años de insurrección en América Latina*. Santiago de Chile: Prensa Latinoamericana, 1 [1966], p. 11-71, 1971.
- QUIJANO, A. Nacionalismo, neoimperialismo y militarismo en el Perú. Buenos Aires: Periferia, 1971.
- QUIJANO, A. Caracter y perspectiva del actual régimen militar en el Perú. Santiago de Chile: CESO, 1970.
- QUIJANO, A. Naturaleza, situación y tendencias de la sociedad peruana. Santiago de Chile: CESO, 1967.
- QUIJANO, A. Los movimientos campesinos contemporáneos en América Latina. *In: LIPEST, S. M. SOLARI, A. S. (Orgs.). Las élites contemporáneas de América Latina*. Buenos Aires: Paidós, 1966, p. 254-307.
- QUIJANO, A. Notas sobre el concepto de marginalidad social. Santiago de Chile, CEPAL: División de Asuntos Sociales, 1966a.
- QUINTERO, P. Heterogeneidad histórico-estructural, dependencia y colonialidad del poder: la crítica al desarrollo desde el andamiaje teórico de Aníbal Quijano. *In: CHAVEZ, V. H. P. (Org.). Rompiendo la jaula de la dominación: ensayos en torno a la obra de Aníbal Quijano*. Santiago de Chile: Doble Ciencia, 2018, p. 125-161.
- QUINTERO, P. Notas sobre la teoría de la colonialidad del poder y la estructuración de la sociedad en América Latina. *Papeles de Trabajo*, v. 19, p. 3-18, 2010.
- RIBEIRO, D. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROSSO, S. D.; SEABRA, R. L. A teoria marxista

da dependência: papel e lugar das ciências sociais da Universidade de Brasília. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, p. 1029-1050, 2016.

RUBBO, D. A. The Diffusion and Circulation of Marxism in the Periphery: Mariátegui and Dependency Theory. *Latin American Perspectives*, 2021a. doi: 10.1177/0094582X211037328.

RUBBO, D. A. *O labirinto periférico: aventuras de Mariátegui na América Latina*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

RUBBO, D. A. Aníbal Quijano em seu labirinto: metamorfoses teóricas e utopias políticas. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 21, n. 52, p. 240-269, 2019.

RUBBO, D. A. Às voltas com o marxismo universitário paulista. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 32, n. 92, p. 361-364, 2018a.

RUBBO, D. A. Aníbal Quijano e a racionalidade alternativa na América Latina: diálogos com Mariátegui. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 32, n. 94, 2018, p. 391-409.

URBANO R. M. Prefácio. *In: DELGADO, C. A revolução peruana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

VALLADARES, M. Aníbal Quijano y su tiempo. *Discursos del Sur*, Lima, n. 3, p. 9-36, 2019.

## RESUMO

Este artigo pretende oferecer uma contribuição sociológica à história das ciências sociais na América Latina, investigando aspectos da trajetória intelectual de Aníbal Quijano (1930-2018) e de seus cruzamentos com o Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. Nossa hipótese é que o contato acadêmico e político de Quijano com intelectuais exilados no Chile possibilitou a difusão, ainda que restrita, de parte de sua produção entre brasileiros no exterior e também entre intelectuais que estavam no país tropical, circunscrito na área da “sociologia urbana”. Em contrapartida, tiveram pouca repercussão no Brasil suas produções sobre experiências políticas peruanas em curso, dos movimentos camponeses, da luta armada e do governo militar de Velasco Alvarado (1968-1975). Ao mobilizar as trocas e contatos entre Quijano e intelectuais brasileiros, a partir da perspectiva da circulação internacional das ideias e dos agentes, nosso trabalho apresenta novas questões para pensar a relação entre a sociologia brasileira e a latino-americana.

## PALAVRAS-CHAVE

Aníbal Quijano. Trajetória intelectual. Circulação internacional. Brasil. América Latina.

## ABSTRACT

This essay aims to offer a sociological contribution to the history of the social sciences in Latin America, investigating aspects of Aníbal Quijano's intellectual trajectory and his crossings with Brazil during the 1960s and 1970s. Quijano's academic and political contact with intellectuals in exile in Chile made possible the diffusion, even if restricted, of part of his production among Brazilians abroad and also among intellectuals who were in the tropical country, circumscribed in the area of “urban sociology”. In contrast, his productions of ongoing Peruvian political experiences, peasant movements, armed struggle and the military government of Velasco Alvarado (1968-1975) had little repercussion in Brazil. By mobilizing exchanges and flows between Quijano and Brazilian intellectuals from the perspective of the international circulation of ideas and agents, our work presents new questions to think about the relationship between Brazilian and Latin American sociology.

## KEYWORDS

Aníbal Quijano. Intellectual trajectory. International circulation. Brazil. Latin America.

Recebido em: 06/05/2021

Aprovado em: 09/12/2021